

Homossexualidade Como Desvio no Discurso da Nação: O Diário de Tulio Carella

Doutorando Leandro Soares da Silva (UFMG/UNEB)

Resumo:

*Este artigo versa sobre a experiência do escritor argentino Tulio Carella no Recife, na década de 60 do século passado, segundo seu diário publicado sob o título *Orgia – diário primeiro*. Nesta obra, aspectos ficcionais revestem o registro do autor de sua temporada brasileira, como professor de teatro e, sobretudo, como estrangeiro que (re)descobre numa terra exótica um frenesi erótico homossexual. Sob o nome de Lucio Ginarte, Carella descreve seu flamar pelas ruas do Recife, os múltiplos encontros com homens majoritariamente pobres, negros ou mestiços e as considerações sobre o Brasil como uma “África com as vantagens do Ocidente”. Seu relato proporciona uma reflexão da sexualidade como um discurso desviado sobre a nação, a partir das problematizações que o texto cria entre identidades nacionais (e latino-americanas) e a homossexualidade como uma rasura no tecido em que o nacional se constrói. O discurso de Carella põe em evidência também a fragilidade do construto heterossexual, do qual ele não se exclui, e as complexas relações de poder entre homens negros e brancos; neste caso, metaforiza o sexo com homens pobres e negros como uma dádiva oferecida pelo homem branco. Conclui-se que o texto de Tulio Carella coloca uma perspectiva para se refletir sobre o estatuto da heteronormatividade reprodutiva da nação como arbitrária e provisória, ao mesmo tempo em que dilui, involuntariamente, o discurso sobre o homem heterossexual brasileiro e o lugar da homossexualidade. O trabalho se apoia nas contribuições teóricas de Homi Bhabha (1998), Avtar Brah (2006), Gayatri C. Spivak (2010) e José Quiroga (2010).*

Palavras-chave: homossexualidade e literatura, nação, identidade nacional.

Tulio Carella viveu no Recife entre 1960 e 1962, convidado para ministrar aulas no curso de teatro, e saiu do país porque sua conduta levou à desconfiança de que estaria envolvido com contrabando. O que a polícia descobriu, depois de torturá-lo e revistar seu apartamento, foi muito mais inesperado. Nos diários encontrados pela polícia consta a abundante história de um homem fascinado pelo Recife e pelo Brasil, mas muito mais dedicado a descobrir o segredo por trás dos corpos negros dos homens – muitos homens – com quem fazia sexo. De volta à Argentina, Carella retrabalhou o texto do diário, transformando-o numa espécie de *roman à clef*. Publicou-os no Brasil em 1968 sob o título de *Orgia: diário primeiro*, claro no seu nome que pelo menos outro viria à luz. Esgotado, o livro só receberia outra edição em 2011, sem que novos volumes surgissem e sem que o original em espanhol fosse encontrado. A história de Carella nunca foi publicada em seu país.

Edward Said, revendo seu *Orientalismo* em 2003, defende que o conhecimento de outros povos se manifesta em duas modalidades de desejo: “o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa” (SAID, 2007, p. 15). O desejo de Carella é, sobretudo, do primeiro tipo: é evidente seu medo de dissolver-se, como argentino, no país que o recebe, mas entende positivamente o contato com pessoas com hábitos, formas de convivência e histórias tão diversos dos seus. O seu não é um olhar que pressupõe a

dominação, mas em certo ponto da narrativa o autor – sob o alter ego de Lucio Ginarte – deixa de lado as intenções de pensar a latinidade dos indivíduos de uma maneira, digamos, a aproximar a experiência nordestina da de Buenos Aires, para impor a si mesmo o papel de agente portador das graças iluministas.

O texto de Carella não se funda em defesa do nacional ou em comparações entre nacionalidades distintas amparadas sob as grande rubricas “América Latina” ou “Sul-americano”, como parecia intentar. O Iluminismo aparece no ideal civilizatório de alguém que se reconhece descendente e continuador de uma cultura letrada – e se é letrada, no contexto do nordeste brasileiro em meados do século passado, é superior.

Os diários contam a história de um desejo que desconstrói basilarmente o discurso nacional na forma de uma contra-narrativa sobre a heterossexualidade. Deslocando seu enfoque da descrição do fascínio e estranhamento que a nação brasileira lhe desperta para a descrição obsessiva de encontros realizados com homens pobres, negros e mestiços do Recife, o narrador deixa vago o espaço para se pensar sobre a nacionalidade a partir da categoria da sexualidade.

Este texto argumentará com base na necessidade de se pensar a Nação a partir de discursos que permanecem atuando de modo subalterno na constituição do imaginário nacional tanto no aspecto homoerótico da narrativa literária, quanto no aspecto, que considero mais importante, de deslizamento do monolito essencialista da heterossexualidade. Como fonte simbólica, a heterossexualidade é uma estratégia de identificação cultural de um povo questionada pelos estudos gays e lésbicos geralmente a partir da contraparte narrativa que põe em evidência a experiência homossexual. Mas são relatos como os de Carella que possibilitam um questionamento a partir da própria norma hétero, sem a necessidade de se chamar a subjetividade gay para a arena do contraponto.

A história do desejo contada por Tulio Carella em seus diários é a história de uma nação percebida por um estrangeiro como sexualizada, mas com uma tonalidade masculina que até se poderia compreender como a história de um desejo homossexual. Contudo, ela revela este desejo duplamente inominado: não só por causa da natureza dos atos em que se realiza, mas também por não existir qualquer possibilidade de identidade gay definida pela escrita. O desejo sob o sol do Recife é da ordem de uma estrutura masculina e heterossexual, em que o sexo rotineiro e fortuito do protagonista não se confunde com uma ideia de indivíduo, sensibilidade ou imaginário gays.

Ainda que reconheça – e rejeite – aqueles que considera óbvios homossexuais, não é nessa esfera que Carella/Ginarte põe sua própria pulsão nem mesmo a da maioria dos seus parceiros. Estes, assim como ele, desbastam a selva escura de um desejo que é quase necessidade, que flui irresistível pelas ruas e bares, que se impõe aos corpos como a fome, a sede, o sono. O lugar desse desejo sem nome é o espaço público onde o pouco de mulheres que são vistas – como observa o narrador – é na maioria de reputação duvidosa; lugar, portanto, mais uma vez, masculino e estruturado sob relações entre homens heterossexuais.

Nas inúmeras conquistas de Carella/Ginarte não se encontra nenhum homem que se reconheça ou exerça sua sexualidade sob o domínio de um signo que seja o do homossexual. Esta figura, com o que ela representa em termos de identidade, comportamento e trânsito específicos, aparece à margem das narrativas, como pegajosos, moles ou insistentes, literalmente no caminho que o autor percorre em busca de rapazes e homens casados, solteiros, inexperientes ou viciados – mas que não renunciaram à estrutura da norma heterossexual. De fato, é com iguais a si que Carella, casado há vários anos, prefere se relacionar.

Ainda que se proponha a pergunta "O que é um homossexual?", depois de seu

primeiro encontro com um rapaz, o narrador a abandona abruptamente pela questão "O que é um negro?", repetida algumas vezes ao longo do livro. O desejo que escorre dos diários de Tulio Carella é pelos negros e mestiços em seu cromatismo variado, numa obsessão que revela uma atração pelo exótico, ainda que o texto tente se abster desse exotismo erótico.

Ele também chega a perceber a si mesmo como algo excêntrico e conclui que a atração que exerce sobre os recifenses se deve à sua condição de estrangeiro, com modos, aparência e mesmo roupas diferentes daquelas pessoas. Claro que esse estatuto se impõe nas suas relações sexuais, que ele metaforiza como encontros entre culturas distintas. Dadas as diferenças sociais e culturais entre o escritor argentino e seus parceiros, uma relação de força se desenha: embora desempenhe um papel sexual submisso, o narrador faz uma leitura diversa. Quando um parceiro o penetra, considera que para o negro "é preciso que entre nesse corpo pálido, alheio à sua terra, para comunicar-se com os deuses brancos que o habitam, mesmo que tenha de rasgá-lo e fazê-lo sangrar" (CARELLA, 2011, p. 121).

Carella não foge de uma visão exótica e sexualizada do país, como ele genuinamente parece evitar. Sua questão tão reiterada, "o que é um negro?", encontra a resposta no fascínio pelo corpo negro masculino: para o narrador, o pênis é o melhor que os negros têm para oferecer aos brancos e mesmo durante os atos ("Ele pega no meu pênis e eu no dele – o que é um negro?") a questão lhe retorna mesclada à própria resposta. Esta nação de morenos, negros, sararás e mestiços tem-lhe basicamente a oferecer nada além de seus corpos. A contraparte dessa equação é sua postura civilizatória. Na universidade trabalha como professor de teatro, registra o gosto dos alunos por suas aulas, a inveja e depois a cópia de seus métodos por outros professores. Nas ruas, admira-se e se preocupa com "a falta de etiqueta dos negros, de alguns negros" (CARELLA, p. 136): "procuro semear, orientar, inculcar alguma ideia que frutifique com o tempo".

Encanta-se com o olhar demorado de King Kong, seu amante mais destacado, sobre seus óculos e livros, entende que o rapaz se fascina com os símbolos de uma intelectualidade que não possui – descrito em detalhes, King Kong é um centauro, um touro, um ser gigantesco, puro músculo, possuidor de uma malícia previsível, e não mais que isso.

Suas relações com esses homens todos, que além de negros são sempre pobres, leva o narrador à conclusão de que embora haja algum preconceito, não existe discriminação racial, de que as tensões raciais se equilibram no cotidiano. Sua chave de leitura para chegar a tal conclusão é a sexualidade: "O que me atrai no Recife é a atmosfera moral, ou melhor, imoral. Isto é a África com as vantagens do Ocidente" (CARELLA, p. 168).

É nesta atmosfera que o narrador perde suas ligações originárias, aproximando-se do novo espaço a partir de uma velha conhecida, a suposta sensualidade brasileira que se revela através do exercício ilimitado da sexualidade. A perda da "origem", contudo, se dá pela plena realização de sua necessidade de sexo homossexual. Aos poucos, Buenos Aires se constitui apenas um lugar para onde enviar cartas. Carella/Ginarte deixa-se dissolver em solo brasileiro, ainda que jamais abandone a referência de sua pátria, que aqui funciona como a civilização letrada que vem fundar, nesta "África ocidental", exíguos alicerces que, de fato, são apenas símbolos de uma superioridade precária: modos de etiqueta, leituras literárias, roupas e sapatos de outra qualidade.

Sua identidade nacional não é afetada, assim como sua identidade sexual. O que lhe afeta ao ponto de transformar-se é a prática erótica, que no Brasil possui um contorno obsessivo. Ainda que tantos antes e depois de Carella tenham interpretado o Brasil pela via do sexo e da sensualidade, é sua vivência numa "nação de invertidos" que sugere um olhar para os discursos subterrâneos da nacionalidade. O foco exclusivo na sexualidade masculina é a grande novidade dessa interpretação, pois desloca a ênfase sobre a mulher

brasileira e sua sexualidade quase promíscua, conforme o cânone, para corpos de homens negros, pobres, semialfabetizados.

O corpo negro masculino é o fetiche, não o da mulata. Pergunta-se o que é um negro porque a visão o aflige como um cilício, cuja recompensa à dor de ser penetrado equivale a uma experiência mística e à uma dose de iluminismo para o povo agreste. Nação de invertidos em sua acepção restrita: invertidos não por desejarem outros homens, mas invertidos porque representam no privado o contrário de sua atuação pública.

O subterrâneo recifense descrito pelo autor argentino é uma amostra local de uma experiência mais geral e, salvo por causa de relatos como seu diário, oculta da norma que organiza não somente as relações entre homens e mulheres, mas também o discurso nacional. Se se pensa na construção da masculinidade do homem nordestino, a reiteração de seu caráter de macho e da tradição que obriga este homem ser estereotipado como rude e brutalizado, o relato franco desses diários é uma desconstrução irreparável dessa figura. Que a experiência de homens e mulheres gays presume a criação de espaços de sociabilidade onde suas identidades possam ser vividas com algum controle e com algum sossego é fato antigo e cada vez mais consolidado. No Recife da década de 60, para Carella, esses espaços são as ruas, os banheiros públicos, a orla da cidade. A frequência nesses lugares de homens casados ou héteros é equiparável a de homossexuais, facilmente reconhecíveis pelos seus modos e estilos de vida, aos quais o narrador não orienta sua vontade de sexo. Por isso seu texto não é sobre uma sociabilidade gay que rasga o discurso oficial sobre a nação, mas sobre um rasgo na própria heteronormatividade nacional.

A nação que Carella descobre é de homens heterossexuais envolvidos em sexo casual com outros homens, em troca de dinheiro, pequenos trocados, comida, vestuário e, é claro, simplesmente prazer. Heterossexuais porque suas identidades são performadas desta maneira, reiteradas cotidianamente através de práticas normativas como o noivado, o casamento, o trabalho, o comportamento público etc. Não existe perda ou ambiguidade nesses homens, a não ser, é claro, nos homossexuais que o narrador nomeia ao longo do livro, assim identificados porque, por sua vez, performatizam sua homossexualidade ou assim se identificam.

As matizes existentes no universo de homens que fazem sexo com outros homens são inúmeras; passa do homossexual assumido ao gay no armário, que são totalmente diferentes de homens que ocasionalmente transam com outros e que ainda assim não possuem qualquer identidade homossexual: apenas desejo. E um desejo que não precisa ser exclusivo ou vivenciado numa tortura. Como a experiência de Carella deixa clara, não há culpa sob o sol do Brasil, muito menos pecado. Sobre esses homens revoa o barulho dos discursos acerca da homossexualidade, a identidade gay, a luta pelos direitos civis dos LGBT e a criminalização da homofobia. Mas em que espectro da sociedade eles estão, se vivem plenamente na heteronormatividade e dela não pretendem sair? A sigla HSH, utilizada oficialmente pelo ministério da saúde, por exemplo, coloca a questão em termos mais assépticos que culturais, embora seja eficiente em não demarcar nenhum tipo de identidade sexual. Como o contexto exposto por Carella é o de homens que se identificam e performatizam a heterossexualidade, a questão acima permanece problemática.

A sexualidade funciona como um dos vários discursos sobre o nacional, no Brasil. Geralmente apoia-se na sexualidade feminina e na liberalidade de costumes que constitui vários dos discursos pedagógicos da nação, como, por exemplo, o carnaval. O debate sobre isso já avançou muito e assim prossegue, agregando à este discurso a crítica necessária que expõe as contradições de nossa tão falada sensualidade. Que o homossexual e sua experiência não se situem mais no gueto tem sido um item candente da agenda de hoje, ainda que a tática mais conhecida para isso seja a de rearranjar gays e lésbicas no interior

da heteronormatividade, o que resultaria na equivalência discursiva dessas identidades subtraindo-lhes o potencial desestabilizador da diferença, que permanece forte nos indivíduos transexuais. Essa equivalência substitui a ausência de uma proposta homossexual à norma hétero que vingue além do carnaval. É um modo astucioso de adquirir acesso aos direitos civis mais básicos e atingir uma tal igualdade que demonstra como a homossexualidade não foi capaz ainda de criar uma alternativa forte à performance heterossexual em que todos os indivíduos são treinados. A luta por esses direitos, embora seja mais que válida, vai ao encontro da norma em diversos níveis, porque torna homogênea a experiência diversificada de lésbicas, gays e transgêneros. Mesmo as investidas na cultura popular, no cinema e na literatura não têm dado conta, por exemplo, da complexidade identitária de uma lésbica que seja negra, ou de um cross-dresser, ou de quem fez a transição do feminino ao masculino. Já o bissexual permanece nesse quadro como invisível, indeciso ou falso.

Nesta discussão não existe lugar ainda para a multidão de homens cuja performance hétero admite o sexo gay, sobretudo porque já estão instalados confortavelmente no interior da heteronormatividade, seja como gays no armário, bissexuais ou admiradores ocasionais (ou não) de sexo homossexual. Estes mesmos homens, contudo, participam como genuínos reiteradores da heterossexualidade e do discurso nacional em suas vidas e vivências. Não têm necessidade de lutar pelo direito do casamento civil, porque já o possuem; não precisam apoiar a criminalização da homofobia, pois não correm o risco de suas performances serem confundidas com a de um homossexual; não precisam do conforto de um gueto, pois toda a cidade pode ser sua. Estes homens só têm a preocupação de encontrar o espaço de sociabilidade necessário para realização de suas práticas, muitas vezes dividindo-o com sujeitos que se identificam como gays.

Os diários que Tulio Carella escreveu no Recife são a história desse indivíduo muito mais astucioso e muito mais adaptado à dinâmica da norma que seus compatriotas LGBT. Mas a história desses diários também é a desconstrução da identidade masculina heterossexual, seu desejo, sua performatividade e legalidade. O texto dilata a ideia de sexo entre homens como forjado pelas necessidades compulsória e monetária ou pela doença, vício e pecado para o campo do mero prazer. Indica que as repetições ritualizadas que nos informam o que é o macho nordestino e o que ele representa diluem-se sob a égide do desejo indiscriminado. Seu texto funciona como contra-discurso de uma sexualidade heterossexual que está no cânone da ideia de nação, e da sensualidade brasileira exclusivamente feminina.

A trama que envolve gênero, raça e nacionalidade é intrincada e pouco convidativa à uma análise que não se deixe seduzir pela observação dessas três categorias em separado, mas a experiência vige como relatora de que não se pode pensar como estanques as identidades de gênero e raciais e mesmo como estas se mesclam na construção do discurso nacional. Avtar Brah afirma que “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351).

As índias nuas de Caminha, as imprecizações contra sodomitas mulatos feitas por Gregório de Mattos, a mucama Lucinda que perverte sexualmente sua ama, nas *Vítimas-algozes* de Macedo, ou as heroínas de Jorge Amado, para citar exemplos que não intentam ser específicos e fechados, são amostras produzidas em solo brasileiro eivadas de implicações entre raça, gênero e classe que contribuíram e ainda retornam fantasmagoricamente a contribuir com a construção de uma nação sensual. O problemático desses discursos simbólicos é que suas leituras tendem, na maioria, a demonstrar a

dificuldade de pensar como um território se transforma em nação em que se considere no processo como as identidades de gênero e de raça, assim como as de classe, foram importantes para a construção desse imaginário.

Como o espaço público é pautado na estrutura da produção e das transformações fixadas por homens, a nação torna-se um discurso masculino e heterossexual, em que mulheres, homossexuais, não-brancos e pobres participam de modo subalternizado. As múltiplas relações de dominação no bojo da colonização, em que todos participaram em determinada escala, possui pouquíssimo registro que sirva de suporte a uma invectiva contra o status heterossexual da nacionalidade.

Em *Orgia*, a invectiva contra o nacional parte das relações sexuais pouco precisas no plano da identidade, mas bastante acertadas no plano do desejo, entre uma turba de indivíduos homens, heterossexuais, pobres e negros e um estrangeiro. A própria ideia masculina de nação que essa turba representa é cuidadosamente erodida pelo relato do estrangeiro, que corrói sua suposta heterossexualidade radical.

Neste jogo, Carella não consegue fugir da fetichização e de certa ideia tortuosa de colonialismo. O fetiche pela cor negra lhe atíça diariamente a carne, leva-o a uma busca impressionante de tão obsessiva por novos homens com quem se deitar. Sua versão do colonialismo (na verdade, seu dom civilizatório) é dar a esses homens a contraparte fetichista, isto é, dar aos negros rudes o refinamento simbólico de sua brancura. Quando um de seus pretendentes revela interesse por teatro, descarta-o com a desculpa de que não quer estabelecer pontes entre esses dois mundos. Os mundos – que o autor não nomeia – são, por um lado, a civilização letrada, que ele oficialmente representa como professor universitário, e o submundo do sexo, em que investe sua energia com bastante determinação. Contudo, a verdadeira ponte desse episódio não seria Carella, mas sim o rapaz interessado em teatro, que representaria o negro com gostos e hábitos mais próximos dos seus, e por isso sem o fetiche original que lhe atrai: o fetiche do negro inculto.

Embora muito distinto de homens gays que mantem relações de concubinato com heterossexuais, Carella trabalha na exposição de uma dupla rasura: a primeira, que diz respeito ao modo como a heterossexualidade, seja como essência masculina ou caráter nacional, é uma performance reiterada que mostra as falhas de sua estratégia em segredo, inclusive deformando o ideal de homem nordestino; e a segunda, no papel que negros e mestiços têm no discurso nacional, pois o narrador compreende todo o povo como matizado e não-branco. Por outro lado, seus diários repetem as fórmulas do exotismo tropical, da sensualidade exagerada do brasileiro e de virilidade do homem negro – o fato de serem três lugares-comuns do discurso nacional parece, portanto, corroborar suas impressões.

A ideia de nação é amplamente unificada, entre outros índices, pela heterossexualidade compulsória. Não é apenas como anormais que pessoas gays, lésbicas e trans participam das narrativas nacionais: em determinados âmbitos, essas pessoas sequer existem, ou funcionam como a diferença que justifica a norma. Clamar visibilidade para as narrativas homossexuais como atuantes no processo metafórico nacional talvez não possua o mesmo poder destabilizador que é questionar, como o texto de Carella permite, a própria narrativa oficial da nação no seu estatuto heterossexual. A contra-narrativa da heterossexualidade pode ser lida numa chave diferenciada daquela proposta pelos discursos homossexuais na medida em que desloca e questiona o essencialismo sexual em sua forma compulsória. As contra-narrativas, diz-nos Bhabha, “continuamente evocam e rasuram suas fronteiras destabilizadoras – tanto reais quanto conceituais – perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais ‘comunidades imaginadas’ recebem identidades essencialistas” (BHABHA, 1998, p. 211).

A fantasia homoerótica que descreve uma nação como invertida, isto é, com uma heterossexualidade rasurada, impõe-se como reveladora da performance de gênero e, ainda mais que isso, desarticula a estrutura do discurso nacional de caráter sexual. Essa desarticulação pode ser aproveitada tanto pelas contra-narrativas gays que reivindicam sua participação na metáfora nacional quanto num reposicionamento do local da heterossexualidade como prática normativa.

Em outras palavras, essa mudança revigora o discurso pós-identitário de gênero como performance ao mesmo tempo em que atua como desconstrução da heterossexualidade nacional. Portanto, em primeiro lugar, isto diz respeito ao questionamento da sexualidade “oficial” como uma invenção cuja narrativa é reiterada num tempo performático, diário; em segundo lugar, essa mudança questiona a representação do “homem nacional”, revela os deslocamentos e falhas de sua construção e mesmo joga uma pá de cal na ideia essencialista de heterossexualidade.

Estas contra-narrativas também denunciam a maneira que a masculinidade de uma nação é construída a partir da repressão do feminino e do posicionamento público destinado ao homem. Ação entre amigos com identidades e práticas heteronormativas, este tipo de sexo homossexual – e anônimo – serve como iteração do papel dominante do homem ou como relaxamento dessa fronteira, quando o macho heterossexual deixa-se penetrar por outro. Para que isto faça sentido, é preciso recorrer ao lugar-comum amplamente reconhecido de que o indivíduo penetrado é um ser passivo numa função subalterna, o que vale tanto para mulheres quanto para homens – neste último caso, aliás, ser exclusivamente aquele que se entranha não necessariamente constitui índice de homossexualidade; pelo contrário, é possível até mesmo compreender isso como expressão de virilidade extrema.

Esta lógica do senso comum é quebradiça, apenas substituição e fuga, formulada por uma mentalidade pouco sutil. Carella, que sem dúvida percebia a contradição dessa ideia, estabelece-a em termos que ser penetrado por outro homem – negro – funciona como fetiche e ritual de dominação: o branco é um deus subjugado pelo negro, que encontra aí o motivo de sua atração.

O discurso erodido da heterossexualidade, contudo, tem no plano diário sua concretude física (e também simbólica) nos espaços de socialização que não podem ser chamados apropriadamente de gays – mas sim de homosociais. Estes espaços contemporâneos – cinemas pornográficos, saunas, cabines de sexo etc. – ainda que sejam frequentados por homens gays fora do armário, têm sua razão de ser na invisibilidade que proporcionam. Funcionam ao revés de boates, bares ou festas vendidas sob a sigla GLS, que apresentam abertura irrestrita para indivíduos de qualquer orientação sexual, lugar para a presença de mulheres e são territórios de celebração política da visibilidade e afirmação identitária. Como as ruas do Recife de Carella/Ginarte, os espaços para sexo anônimo são locais em que o masculino se reitera, seja pela estrutura relacional exclusivamente masculina, seja pela satisfação do desejo sob o resguardo de fachadas discretas e austeras, em que a identidade hétero apenas momentaneamente se perde. A própria dinâmica é a de uma sociedade secreta, na base do acordo de cavalheiros e do voto de silêncio, com homens reunidos para algumas horas de diversão entre si – a socialização e o sexo vêm confirmar o estatuto masculino oficial.

Estas zonas invisíveis da cidade moderna servem de desafogo da heterossexualidade nacional, que ali deixa aparecer brevemente sua fragilidade conceitual para de novo voltar a recuperá-la no retorno à vida pública. O texto de Carella, que como diário é um produto do imaginário, encontra o mundo e o expõe, mas cede ao ser apropriado como um discurso homossexual e representativo da identidade gay, isto é,

perde sua força disruptiva ao mesmo tempo que apenas se junta à contra-narrativa da sexualidade homossexual. Espera-se que a leitura aqui apresentada tenha demonstrado o poder problematizador desse texto em sua contestação da narrativa heterossexual.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BRAH, Avtar. “Diferença, diversidade, diferenciação”. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Ed. Unicamp, jan-jun 2006, p. 329-376.

CARELLA, Tulio. **Orgia**: diário primeiro. São Paulo: Opera Prima, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.